

uma praça em antuérpia
luize valente



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

Para Cali e Tom.



ANTUÉRPIA



RIO DE JANEIRO

LOCAIS
DA
NARRATIVA

E assim declaro que darei, sem encargos, um visto a quem quer que o peça. O meu desejo é estar mais com Deus contra o Homem do que com o Homem e contra Deus.

ARISTIDES DE SOUSA MENDES, 1940

NOTA HISTÓRICA

***E**m junho de 1940, a cidade de Bordéus foi cenário de acontecimentos cruciais para a Segunda Guerra Mundial. Foi para lá que o governo francês fugiu depois da ocupação de Paris pelos nazis, foi lá que o Marechal Pétain anunciou oficialmente a rendição a favor da Alemanha. Entre a descrença e o conformismo de uma Europa imobilizada pela opressão do Terceiro Reich, foi também em Bordéus que um cônsul português não cedeu ao medo e desafiou as ordens do ditador António Salazar. Aristides de Sousa Mendes foi protagonista da que é considerada, por muitos, a maior ação de salvamento empreendida por uma só pessoa durante a Segunda Guerra. Depois de ficar trancado durante dias no seu escritório, rezam os testemunhos que Sousa Mendes surgiu com o cabelo estranhamente embranquecido e foi então que decidiu emitir, à revelia do governo, e sem burocracia, vistos de trânsito para Portugal — o número é incerto, estima-se à volta de trinta mil — para judeus e não judeus em fuga do nazismo. O ato valeu-lhe o afastamento da carreira diplomática, a morte na miséria, sem jamais ter sido reconhecido, em vida, pelos milhares de vidas que salvou do Holocausto.*

Esta é uma obra de ficção que tem como pano de fundo estes e outros factos históricos do século XX.

PRÓLOGO

Rio de Janeiro,
1 de janeiro de 2000

O céu cinzento e a chuva fina escondiam os raios de Sol do primeiro dia do novo ano, quase novo milénio. O mundo não tinha acabado. Um grito ou outro na rua, a cantoria e as risadas no regresso a casa, copos, latas e garrafas de champanhe largados no passeio eram o máximo da desordem naquele sábado pós-réveillon em Copacabana.

Do alto dos seus oitenta e três anos, do alto da sua cobertura, no lugar mais cobiçado para acompanhar a passagem, Olívia sentia-se pequena. Eram seis da manhã e ela não tinha pregado olho. Pouco depois das duas da madrugada, fora para o quarto, dando o sinal mudo de que era altura de todos partirem. Após vinte minutos, a neta entrara no quarto e Olívia mantivera os olhos fechados. Instantes depois, o barulho dos copos recolhidos e o clique da porta foram a senha para que se levantasse e fosse para a varanda, e ali continuou até o dia amanhecer.

Lembrava-se de que, no momento exato da passagem, quisera que o mundo acabasse. O champanhe foi estourado como despedida do ano, despedida do filho. Beberam enquanto trocavam saudações triviais de feliz Ano Novo e palavras vazias que acompanham os momentos de profunda tristeza. Nos últimos vinte anos — desde que Olívia se mudara para a cobertura do anexo do hotel mais glamoroso da cidade —, o apartamento era o ponto de encontro da família nos fins de ano.

À medida que se aproximava o final do milénio, cresciam as expectativas e apostas sobre o réveillon da passagem. Olívia jamais pensara que passaria dos oitenta para ver aquele dia. Muito menos que Luiz Felipe não estaria ali.

A urna com as cinzas descansava sobre o aparador, ao lado da fotografia dele, ainda bebé, com o pai, António. Daí a alguns minutos, cumpriria o seu último desejo.

— Vovó, a senhora tem a certeza que quer ir? — A pergunta do neto mais velho foi seguida de silêncio. Ele insistiu: — Vó, se calhar deixamos o dia clarear, vamos de manhã, está tudo mais tranquilo.

Olívia acariciou a urna e respondeu com um sorriso firme nos lábios:

— Tom, lembras-te de como o teu pai se negava a ver o fogo aqui de cima? Vinte para a meia-noite e lá ia ele com a garrafa de champanhe, os copos de plástico... “Feliz Ano Novo, mãe, que o lugar deste português é lá em baixo, no mar de gente!” Pois é para lá que nós vamos. Agora!

Agora, Olívia permanecia ali, sentada na varanda, no primeiro dia do ano. O mundo tinha acabado, sim — não é justo ver um filho morrer sem poder fazer nada.

Ela pegou na foto que costumava trazer sempre junto ao peito. Olhou, então, demoradamente, para a mulher, o homem, a criança.

Nem ouviu o ruído da porta a abrir-se, nem os passos leves no tapete. Tita, a neta, que também se chamava Olívia, entrara devagar. Ela também não tinha pregado olho a noite toda.

Não era a morte do tio que tirava o sono da Tita, era a morte do sonho. Porque é que, para algumas mulheres, era tão difícil engravidar?

Tita perdera o primeiro bebé, depois o segundo e agora o terceiro. Mantivera a gravidez em segredo já prevendo o fracasso. Só a avó sabia. Tita precisava de lhe contar, precisava de dividir a sua dor, embora soubesse que estava a ser egoísta. A avó acabara de perder o filho. Ela também.

A neta sentou-se. Olívia encostou a cabeça no ombro dela. Descansou o peso das oito décadas. Tita sentiu-se envergonhada. No fundo, tinha ido até ali para chorar, para desabafar a perda. Talvez fosse altura de olhar para o mundo sem se colocar no centro dele. Foram segundos de silêncio, as duas a olharem para o horizonte. A avó foi a primeira a falar.

— Perdeste o bebé, não foi? — disse, sem encarar a neta, que assentiu com a cabeça. — Eu também perdi um bebé — sussurrou, enquanto passava os dedos pela fotografia, como se, dessa forma, pudesse alcançar a criança.

Foi só nesse momento que a fotografia amarelada e gasta nas mãos de Olívia chamou a atenção de Tita. Ela reconheceu a avó, ainda jovem. Estava grávida, provavelmente da sua mãe. Mas não reconheceu o homem ao lado dela, nem a criança ao colo. Quem eram? Que lugar era aquele? Uma praça numa cidade europeia qualquer, com certeza não era Lisboa — a cidade de onde a avó viera.

No verso, as palavras num idioma que ela não conhecia.

Antwerpen, Familie Zus, Verjaardag Bernardo, drie jaar, 4 februari 1940.

Tirou a fotografia das mãos da avó, que não ofereceu resistência. Mantinha o olhar fixo, como se estivesse preso a um ponto muito distante, num lugar que só ela conhecia.

— Vó, quem é este homem? E esta criança? — A voz saiu baixa e temerosa.

A avó repetiu em português as palavras escritas em flamengo.

— Antuérpia, família Zus, aniversário de três anos de Bernardo, 4 de fevereiro de 1940.

A seguir, levantou-se. Fez sinal para que a neta esperasse. Instantes depois, voltou com outra fotografia, da mesma época. Tita reconheceu a avó, o avô António, que morrera antes mesmo de a sua mãe nascer, e o tio Luiz Felipe ainda pequeno.

Olívia colocou as duas fotografias lado a lado. Depois de um breve silêncio, voltou-se para a neta e apontou primeiro para a que lhe era familiar.

— Aqui está António, em Portugal, pouco antes de vir para o Brasil, com o Luiz Felipe... ainda bebé. Eu cumpri o prometido e cuidei dele até ao último momento, amei-o mais do que à minha própria carne. Pedi tanto que o cancro dele fosse meu, que me levasse e não me fizesse sentir tudo de novo!

Tita ouvia incrédula. A avó pegou, então, na outra fotografia e disse, alternando o olhar do retrato para a neta:

— Este é Theodor, quanta saudade... — Fez uma pausa, que mais parecia uma prece, ao olhar para o homem alto e magro, para então es-

corregar os dedos sobre o rosto da criança. — E este é Bernardo, que eu não esqueço um minuto que seja.

Tita fez menção de falar, mas foi interrompida. A voz da avó saiu embargada, ao mesmo tempo que apontava para a mulher grávida ao lado de Theodor.

— Esta sou eu, esperando Helena, a tua mãe. — E, a seguir, apontou para a mulher da outra fotografia, que parecia ser ela também. — E esta é Olívia... a minha irmã gémea. Eu sou Clarice.

OLÍVIA E CLARICE

Norte de Portugal, 1916

Manuel levantou-se com as estrelas ainda no céu. Tinha mais um dia duro pela frente e, em breve, mais uma boca para alimentar. Seria pai pela primeira vez e a qualquer momento, prevenira a parteira. A vida corria no caminho certo.

Casara-se com Josefina, a mulher que amava. O bebé seria o primeiro de uma grande prole. Era o início da colheita das uvas. Prometia ser boa, a melhor em anos. O tempo tinha, definitivamente, colaborado. Um inverno rigoroso, seguido de um verão com muito sol e um começo de outono sem chuva. Que mais se podia querer? Os cachos gordos, maduros, estavam prontos para a colheita.

A quinta ficava nos arredores de São Lourenço de Sande, no município de Guimarães. A construção em granito fora erguida pelo pai. Cada pedra da casa tinha uma gota de suor do velho Joaquim. A casa de dois andares ficava no centro do terreno, cercada pelas parreiras. Uma a uma plantadas por Joaquim.

Quando Manuel nasceu, a mãe passava dos trinta, e Joaquim dos quarenta. A criança ter vingado era um milagre depois de tantos bebés perdidos. O rapazinho cresceu, tornou-se um homem forte, de mãos grandes e calejadas que não fugiam da enxada. O solo seco e poroso da quinta era uma bênção para as videiras. As pantorrilhas musculosas sobrecarregavam os pés largos e achatados de tanto esmagar as uvas na piscina de pedra.

Agora, tudo aquilo seria do filho, ou da filha. Era incrível a esperança que tomava conta do casal. Apesar de a Alemanha ter declarado guerra a Portugal, e de o Parlamento ter aprovado a entrada no confronto, Manuel tranquilizava a esposa. Ele não seria convocado, as batalhas davam-se longe do território português e tinham alimentos suficientes armazenados para vários invernos e verões. Josefina acariciava-lhe o rosto. Ela amava aquele homem forte, tosco, de mais ação que palavras. Ele vivia num mundo de regras próprias. O mundo era a quinta. O território no interior da casa era chefiado por Josefina, o de fora, por Manuel. Os dois comandantes respeitavam as fronteiras.

Enquanto Josefina temia pelo futuro do bebé a caminho, por uma guerra recém-declarada, pelos que seriam obrigados a lutar e a morrer sem convicção, pelos que passariam fome, Manuel pisava as uvas. Nada poderia quebrar, desestruturar a ordem com que ditava a vida. Se, na mais improvável das hipóteses, Portugal fosse invadido, ele expulsaria as tropas alemãs com o seu exército de um homem só. Manuel só não estava preparado para a tragédia que aconteceria a seguir.

Josefina não teve forças para abrir os olhos, mas esboçou um sorriso e apertou a mão do marido quando ele se levantou da cama ainda com o dia escuro. Manuel acariciou-lhe o rosto, beijou-lhe a testa e sorriu-lhe também. Ela não viu, mas sentiu o sorriso dele, já embalada no sonho.

Um sonho daqueles que, a princípio, trazem conforto e vontade de não regressar. Josefina já não tem barriga, Manuel pisa as uvas, duas meninas correm pela quinta, em direções opostas. Ela não se preocupa porque estão ao alcance da vista. O céu é azul, sem nenhuma nuvem. Ela aproveita ao máximo a sensação de ter todos ali. Subitamente percebe que já é mãe. Serão as meninas suas filhas? De repente, sente um pingo, seguido de outro. Corre, mas não há onde se proteger. Os pingos são vermelhos. Os pingos são vermelhos de sangue. Ela já não vê as crianças. Manuel espreme as uvas e delas sai o mesmo vermelho de sangue. Ela grita por Manuel. Grita com toda a força.

Josefina abriu os olhos. O corpo estava encharcado.

— Tudo vai ficar bem, minha querida. O doutor está a caminho — disse Manuel, enquanto a abraçava.

As palavras saíram sem convicção. Fora tudo muito rápido. Os gritos no quarto, a correria escada acima, a agonia de Josefina. O rapazinho, filho da criada que contratara para ajudar a esposa quando a barriga já

atrapalhava os cuidados da casa, brincava entre as parreiras. Gritara-lhe mesmo da janela:

— Voa até à vila e traz o doutor, é caso de vida ou de morte... e diz à tua mãe para cá vir!

O rapaz saiu disparado. Em segundos, a criada estava no quarto. Desapareceu e voltou de seguida levando uma bacia com água e muitos panos. Foi nesse momento que Josefina viu o sangue. Os pingos do sonho cobriram a cama de vermelho. Ela gritou. Não era um sonho, as meninas tinham desaparecido de vista. Tudo ficou subitamente escuro.

Josefina estava pálida, os lábios arroxeados, os olhos fechados. O médico entrou no quarto e pegou-lhe no pulso. Não foi preciso dizer nada. Estava morta.

— Temos de salvar a criança! — gritou o doutor, enquanto retirava um bisturi da maleta. Não era a primeira cesariana que fazia, mas nunca antes numa mulher sem vida.

Fez o corte longitudinal, rápido e preciso. Em menos de um minuto, tirou o bebé. Quem pegou na criança foi o rapaz. Manuel já tinha deixado o quarto. Não amaria aquela criança. Iria dar-lhe o seu nome, alimentá-la, educá-la, mas amor era algo que tinha secado dentro dele.

O suor do médico era frio, as gotas escorriam-lhe pelo rosto. Mal teve tempo de pegar no lenço. Havia ali outro bebé. Assim como a irmã, a segunda menina soltou um choro forte e alto. A sutura foi feita com todo o cuidado. Por um breve instante, pareceu-lhe que Josefina sorria.

E assim Clarice e Olívia vieram ao mundo. Primeiro Olívia, depois Clarice. Ou teria sido primeiro Clarice e depois Olívia? Eram apenas as gémeas, chamadas pelas cores das roupas que usavam. A de amarelo, a de branco. Ganharam nome quando a avó materna, que morava na cidade da Guarda, na região da Beira Alta, chegou, dois dias depois do nascimento. Mal teve tempo de chorar a filha única. Dava dó ver as meninas a berrarem de fome, aos cuidados de uma criada sem intimidade com a casa. Tinha arranjado às pressas uma ama de leite, mas não era suficiente para os dois pequeninos seres ávidos de vida.

Manuel trancou-se no quarto no momento em que ouviu o médico gritar que tinha de salvar a criança. Para ele, Josefina é que tinha de ser salva, era ela que ele amava desde sempre. Os filhos eram uma consequência, a ordem natural das coisas. Josefina era a escolha, a vida a dois, a vida eterna. E não uma, mas duas crianças. Por causa delas a sua

mulher tinha morrido. Por mais que quisesse ou tentasse, jamais amaria aquelas meninas.

Dona Bernarda, uma sogra bem lúcida, pensou de imediato. O genro era um homem trabalhador, correto, um jovem viúvo com duas recém-nascidas. Não faltariam pretendentes. Ela sentia pela filha, mas era o que tinha de ser. Manuel casar-se-ia novamente, com uma mulher quase menina, provavelmente virgem, que criaria as gêmeas como se fossem dela e daria continuidade à prole. Ele rapidamente deixaria o quarto e o luto.

Passados dez dias, Manuel permanecia em silêncio. Trabalhava de sol a sol, sem dizer uma palavra, comia pouco e deitava-se cedo. Não foi ao enterro nem à missa de sétimo dia. Nem sequer olhava para as bebês, quanto mais tocar-lhes. Era como se não existissem. Nem do choro reclamava. Foi quando a sogra, num misto de impaciência e raiva, foi direita ao assunto:

— Manuel, escuta, tu perdeste a esposa, eu perdi a minha filha querida. Não podemos fazer nada. Mas estas crianças estão aqui, e também perderam a mãe. Elas precisam do pai, elas precisam de um nome! — exclamou, enquanto apertava as mãos do genro.

Manuel levantou os olhos. Não havia lágrimas, apenas um vazio salpicado de tristeza e desânimo.

— Pois dê a senhora o nome às meninas, porque, se for eu a fazê-lo, os nomes hão de ser dor e infelicidade. — Levantou-se e deixou a sala rumo às parreiras.

A sogra respirou fundo e susteve o choro. Voltaria à Guarda para fechar a casa e mudar-se de vez para a quinta. Era viúva e, a partir de agora, só tinha as meninas, e as meninas a ela. Seriam suas filhas, dar-lhes-ia todo o amor que tivesse e que viesse a ter. Escolheu os nomes, sem pensar muito. Nomes de que a filha gostava: Clarice e Olívia.

A avó cumpriu a promessa. As crianças foram crescendo sob asas enérgicas e, ao mesmo tempo, amorosas. Mal viam o pai, que, se por um lado as ignorava, por outro não lhes deixava faltar nada. Sentavam-se juntos durante as refeições, única exigência da dona Bernarda. Ele chegava calado, comia, os olhos sempre baixos, jamais encarava as filhas. Apenas uma vez foi ríspido. Num almoço de domingo — teria sido Clarice ou Olívia? —, uma delas tentou tocar no vasto bigode que lhe cobria o lábio superior. Manuel afastou rapidamente a pequenina mão e gritou

para que jamais lhe tocassem. Não importava se foi Clarice ou Olívia, o facto é que as duas cumpriram a ordem à risca. Tinham pouco mais de cinco anos. Naquele dia perceberam que, além de não terem mãe, também não tinham pai. E o que importava, se afinal a avó valia por todos?

A vida seguiu assim até perto dos treze anos, quando de facto perderam Manuel. Morreu a dormir, sorrindo. Ia encontrar a sua Josefina. Ao verem o semblante do pai tão sereno e alegre, Clarice e Olívia soltaram uma gargalhada. Pela primeira vez, beijaram o pai, beijaram-no muitas vezes, e também o abraçaram. Ele agora ficaria em paz e feliz.

Norte de Portugal, 1933

A morte de Manuel, quatro anos antes, mudara a rotina da quinta. Dona Bernarda assumiu as funções do genro, tendo como braço-direito a criada, que, depois de todos aqueles anos, recebia os carinhos de filha e o amor das meninas. Lina era uma mulher de traços finos e belos, mas tinha um defeito na anca que fazia com que mancasse de uma perna. Fora durante toda a vida chamada de Manquinha. O apelido criou uma couraça, um muro em torno do corpo pequenino mas nada frágil. A deficiência física era uma sequela na alma, que se traduzia no ar carrancudo.

Casou-se aos dezasseis anos com um homem vinte e cinco anos mais velho, primo da mãe. Do casamento arranjado nasceu António. O marido era um bom homem, mas sem nenhuma ambição. Morreu quando António tinha onze anos. Deixou quase nada para a mulher e o filho, mas o suficiente para Lina pôr literalmente o pé na estrada e partir do ensolarado Algarve para o Norte de Portugal. Ia começar uma vida nova.

Escolheu Guimarães a esmo, porque ali havia nascido Portugal. Mal chegou à cidade, filho numa mão e mala na outra, deparou-se com Josefina e a enorme barriga. Foi empatia à primeira vista.

Josefina era uma mulher cheia de vitalidade, o combustível de que Lina precisava para recomeçar. No mesmo dia, ganhou o emprego na quinta; a seguir a patroa morreu, e Lina viu-se amarrada àquela família

mais destroçada do que a dela. De lá só saiu no verão de 1933, diretamente para o cemitério. Foi enterrada no mesmo jazigo de Josefina e Manuel.

Lina foi uma mãe para as meninas. Embora a deficiência física a impedisse de correr entre as parreiras e brincar nas árvores, era ela quem contava as histórias para dormir, penteava os cabelos e espantava os fantasmas dos pesadelos noturnos. Aos poucos, o ar carrancudo foi dando lugar aos sorrisos. No fim da vida, era fácil vê-la gargalhar.

A quinta também fora o melhor lugar para criar António. Se Manuel ignorava as gémeas, o rapazinho passou a ser, para ele, o único elo com o mundo. Nos primeiros meses depois da morte de Josefina, ensinou-lhe tudo sobre as uvas. António foi um aluno exemplar, um rapazinho dedicado. Acordava com o dia escuro, trabalhava sem se cansar. Tornou-se um rapaz musculoso, bonito, com os traços da mãe, porém sem a marca dos seus sofrimentos. Manuel era o pai que ele não teve, mas não era aquele o futuro que queria. António tinha outro temperamento. Era divertido, corajoso, gostava de aprender. Queria ser grande, conhecer o mundo. Tinha muito respeito por Manuel, mas não era isso que o prendia à quinta. Era algo maior, e justamente este algo, que anos depois se revelaria, é que o levou a partir para Lisboa logo após a morte do patrão.

Dona Bernarda, a princípio, ficou carrancuda e, durante semanas, atormentou Lina, que escutava sem revidar; afinal os argumentos tinham lógica. Apesar de ter colocado um amigo, que conhecia o trabalho tanto quanto ele, a cuidar da quinta, não deixava de ser um abandono.

— Lina, tu sabes que te tenho como uma filha e ao António como um neto. Mas isto é uma traição pior que a de Judas. O Manuel ensinou-lhe tudo, e agora ele abandona-nos! Se este saco de ossos — dizia, apontando para o próprio corpo — não é digno de consideração, que ao menos a tivesse por ti, que és mãe dele, ou pelas meninas, que ele viu nascer! — e saía a barafustar pela casa.

Se Lina tinha uma qualidade, era a de não julgar as pessoas. O filho partia por alguma razão e, um dia, todos viriam a saber. Ela nunca soube. António voltou à quinta, quatro anos depois, para enterrar a mãe e notar que nada havia mudado, só aumentado. Olívia era agora uma mulher, tinha dezassete anos, e ele amava-a mais do que nunca. Era por Olívia que ele tinha partido.

Era um daqueles amores que só pareciam possíveis nos livros. An-

tónio amou Olívia desde o primeiro momento em que a viu. Viu-a ser tirada pelo médico, minutos antes de Clarice. Foi o primeiro a ouvir o seu choro, a segurá-la, a ver os olhos a abrirem. Costumava contar às gémeas a história do nascimento como um romance de aventura que terminava sempre com a afirmação de que Olívia nascera primeiro que Clarice. Como podia ele afirmá-lo?, perguntavam. Afinal se nem Lina nem o médico sabiam dizê-lo, como é que aquele rapaz, que na época era um rapazinho, era tão categórico? A resposta era sempre a mesma: “Sei porque sei!” A verdadeira resposta viria anos depois: “Sei porque jamais tirei os olhos de Olívia desde o primeiro instante em que a vi.”

Durante dezassete anos guardou o segredo. Fora para Lisboa, quatro anos antes, logo após a morte de Manuel, numa tentativa desesperada de esquecer aquele amor que o consumia. Olívia tinha treze anos; ele, vinte e quatro. As meninas viam-no como o irmão mais velho. Ele tinha namoradas na vila, uma atrás da outra, e amantes também. As mulheres satisfaziam-no sexualmente e só. Jamais tivera qualquer pensamento perverso, pecaminoso com Olívia. Ela era uma criança, mas estava a tornar-se uma mulher. Por isso ele partira.

Agora, quatro anos depois, António regressava. Com ele vinha todo o sentimento. Como se nunca tivesse partido. No período passado em Lisboa, trabalhou duramente. Encontrou o que queria fazer. O comércio agradava-lhe. Seria rico, ganharia o mundo e voltaria à quinta, bem-sucedido, para pedir a mão de Olívia. Acabara de abrir uma pequena mercearia na capital portuguesa.

O ano era 1933. O país vivia sob as rédeas do temido António Salazar. A nova Constituição, recém-aprovada, selava a implantação do Estado Novo, legitimando um regime autoritário e repressivo que se estenderia por quatro décadas.

António passava longe da política. Salazar era apenas alguém com o mesmo nome próprio que ele. Os amigos mais atentos olhavam com receio para o panorama que se formava. Totalitarismo, fim dos partidos, muito poder na mão de um só homem. As notícias do resto da Europa também preocupavam. Na Itália, *Il Duce* Benito Mussolini permanecia, sozinho, à frente do governo e do Partido Nacional Fascista. Na Alemanha, um outro ditador, austríaco naturalizado, chegava ao poder. Adolf Hitler tornava-se primeiro-ministro do país.

Mas o que tudo isso tinha a ver com António e os planos de um

futuro próspero e feliz ao lado de Olívia? Nem no mais improvável dos delírios ele poderia imaginar que o futuro da sua família seria marcado, para sempre, pela ascensão do Terceiro Reich.

António pouco mudara desde que deixara a quinta, quatro anos antes. Talvez uma certa seriedade no olhar, consequência da responsabilidade do trabalho, mais do que do passar dos anos. No entanto, a pequena mudança colocava-o no rol dos homens, mais que bonitos, interessantes. Era viril. Os braços continuavam musculosos e sobressaíam sob a camisa branca que ele dobrara no antebraço, depois de tirar a gravata e desapertar o colarinho. Segurava displicentemente com o dedo indicador o casaco lançado nas costas.

Olívia não conseguia desviar os olhos dele. O que acontecera naqueles últimos anos que tinham transformado António no homem mais belo do mundo?, pensava ela enquanto baixava os olhos e fingia secar uma lágrima com o lenço. Teria de falar com ele mais cedo ou mais tarde. Conseguira fugir durante o enterro, agora já não. Ele caminhava na sua direção. Olhou para os lados, não havia ninguém, apenas ela.

Os olhares cruzaram-se e fixaram-se. Olívia era praticamente uma miúda quando António deixara a quinta. Houve uma época, quando as gémeas ainda eram pequenas, em que Olívia tivera raiva daquele rapaz que roubava as atenções do pai. No entanto, era tão protetor e cuidadoso, que tanto Olívia quanto Clarice passaram a adorá-lo. Era a referência masculina no lugar do pai ausente.

Agora Olívia via António com olhos limpos de passado, olhos de

mulher. Isso fazia-a corar. Quanto mais ele se aproximava, mais o calor lhe subia pelo corpo, até lhe alcançar as maçãs do rosto.

— Olívia! — foi a única palavra que saiu da boca de António.

O coração acelerou, nada mudara. A distância e o passar dos anos só tinham aumentado o que ele sentia por Olívia. Tornou-se o homem mais feliz do mundo quando, naquela troca de olhares, sentiu que era correspondido.

Depois desse reencontro, foi tudo muito rápido. Não se passaram seis meses, e a quinta reviveu momentos de alegria como não acontecia desde o anúncio da gravidez de Josefina, dezoito anos antes. O casamento de António e Olívia ocorreu no início de 1934. A lua de mel foi em Lisboa, na casa de onde Olívia saíria, seis anos depois, rumo a Bordéus, para não mais voltar.

Clarice, por sua vez, continuou na quinta, ao lado da avó. Foi uma separação dolorosa. As irmãs nunca tinham passado um dia sequer longe uma da outra. Dona Bernarda bem tentara convencer António a trabalhar na quinta, afinal agora aquele também era o seu património. Mas ele tinha planos mais ambiciosos. O pequeno comércio corria bem em Lisboa e, em breve, iria expandi-lo para o Brasil. Compraria uma casa no novíssimo bairro do Arco do Cego, e outra no Estoril, para as férias de verão. A quinta não era para ele.

Prometeu à dona Bernarda que cuidaria de Olívia, dando-lhe sempre o melhor, e que viria à quinta com mais frequência para olhar pelo negócio. Não chegou a cumprir a segunda promessa. Nem oito meses após o casamento, a avó morreu de enfarte. António e Olívia voltaram uma única vez, para enterrar dona Bernarda e tratar da venda da propriedade. As irmãs reencontraram-se e juraram nunca mais se separar. Clarice seguiu com o casal para Lisboa. Fecharam o portão sem olhar para trás.

Lisboa, 1936

No início, Clarice estranhou a vida em Lisboa. Estava acostumada ao verde da quinta, à liberdade de correr descalça, às tardes de leitura à sombra de uma árvore. Sentia uma enorme falta da avó. Estava sozinha no mundo. Por mais que tivesse Olívia e as juras de jamais se separarem, a orfandade pesava como nunca.

A irmã tinha encontrado um amor de verdade, como o do pai pela mãe. Era a força dessa paixão, contada e recontada pela avó, que fazia com que as gémeas, à medida que cresciam, tivessem mais pena do que raiva de Manuel. Ainda pequenas, escutavam da avó a história de que o bebé fora gerado com tanto amor, mas tanto amor, que só um coração não bastaria. Por isso se dividiu em dois, e nasceram duas meninas.

Clarice ficava feliz por Olívia, mas temia que talvez não pudesse ter a mesma sorte da irmã. Existiriam outros Antónios no mundo? A venda da quinta rendera menos do que imaginavam. Havia dívidas que a dona Bernarda contraía, e ainda impostos atrasados. O que sobrou deu para pagar a casa em Lisboa. Ainda não era a casa dos sonhos, mas agora era deles. Clarice cedeu à irmã a parte na herança. António aceitou com a promessa de pagar cada centavo, com juros. A Europa em crise, hiperinflação — o dinheiro guardado também não valia nada.

O continente ainda sofria as consequências da quebra da Bolsa de Nova Iorque. A crise atingira democracias como a Inglaterra e a França

e fortalecera o nacionalismo na Alemanha, em Itália e em Portugal. Uma série de governos ditatoriais tomou conta do continente, da Hungria à Grécia. O funil estreitava-se. Faltava emprego, sobrava descontentamento. Menos de duas décadas depois do fim da Grande Guerra, o mundo parecia caminhar para outra batalha.

Muitos dos clientes que frequentavam a mercearia de António reverenciavam Salazar e o progresso que trazia para a Lisboa da época. Os que apoiavam o regime tiveram, em 1936, um ano de glória. Entre os mais assíduos estava Fagundes, um sujeito escorregadio que chefiava uma repartição na vizinhança. Dizia-se, à boca pequena, que na realidade ele vivia de denunciar comunistas e anarquistas à polícia política. Uma vez por outra, caía numa discussão acalorada com algum freguês que ali passava para uma bebida. Coincidência ou acaso, quem discutia com ele nunca mais era visto. No ano de 1936, foram quase duas mil e oitocentas prisões de ativistas contrários ao regime, com a colaboração de centenas de Fagundes que viviam como gaviões à procura de carniça.

Por isso, António — que não se envolvia em política — redobrava a atenção quando Fagundes chegava. Recebia-o com um sorriso largo e servil, uma palmadinha nas costas e uma porção reforçada de tremoços. O melhor era fazer-se de parvo.

No final de julho, Fagundes entrou no estabelecimento exultante. Balançava o jornal, lendo em voz alta a manchete. A guerra em Espanha estourara havia dez dias. O general Franco invadira o país com as tropas que estavam em Marrocos.

— Esses arruaceiros têm os dias contados! — bradou Fagundes. — Escutem: “O exército espanhol varre os comunistas.” A voz da imprensa não mente! Eu sabia! O general Franco vai acabar com essa corja! António, uma rodada por minha conta! Vamos beber esses comunas desgraçados!

António serviu a bagaceira nos copos pequenos e distribuiu-os no balcão. O general Franco tinha o apoio de Portugal, da Alemanha e de Itália, mas não deixava de ser um confronto armado num país vizinho. Não deixava de ser uma guerra, e as lembranças da última ainda estavam frescas na memória.

Para António, o negócio estava seguro. As pessoas podiam economizar no lazer, mas jamais na comida... e na bebida. Apesar de raramente beber uma gota de álcool, ele tinha uma mina de ouro nos fun-

dos da loja. Os anos de aprendiz com Manuel não haviam sido em vão. Tinham-lhe apurado o nariz e as papilas gustativas. António sabia como ninguém reconhecer o melhor dos vinhos baratos, que ele armazenava nos tonéis envelhecidos, trazidos da quinta, e vendia por um preço bastante superior. O lucro era o passaporte para o Brasil. Em dois ou três anos, conseguiria finalmente partir para o Novo Mundo. Podia não se envolver nas discussões acaloradas nas mesas do estabelecimento, mas não precisava de ter uma mente brilhante para saber que a Europa via pela frente vacas mais magras do que gordas.

Já Clarice e Olívia, nos seus vinte anos, viviam a típica alienação dos que são criados em redomas. Com a mudança para Lisboa, sentiam saudades do presunto curtido que chegava de Espanha, mais difícil de conseguir na capital do que no Norte, mais perto da fronteira. O resto era um mundo de países que ficavam muito longe. Sonhavam, sim, conhecer, um dia, Paris. Já Alemanha e Áustria eram berço dos grandes nomes da música clássica. Bach, Beethoven, Brahms, Schubert, Mozart. Desde pequenas, ouviam as sinfonias no velho gramofone que a avó arrancava de dentro do armário quando o pai saía para alguma viagem pelas redondezas. A única proibição na quinta era a música. Música era a alma de Josefina, pianista apaixonada. No dia da sua morte, o mesmo dia do nascimento das gémeas, o piano foi fechado e trancado no sótão. Manuel carregava a chave no peito, como um amuleto. Quando encontraram o seu corpo, já frio e rígido na cama, tinha a chave apertada nos dedos. Foi enterrada com ele.

As gémeas jamais puderam tocar um instrumento, o que entristecia a dona Bernarda. No entanto, nada as impedia de ouvir música. E foi através da música que elas aprenderam a conhecer e a amar a mãe.

Foi também a música que arrastou Clarice, num fim de tarde, quatro meses antes de a guerra civil estourar em Espanha, para um café escondido numa rua estreita de Lisboa.